

VIDA E OBRA DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO

No âmbito da reabertura do Museu Rafael Bordalo Pinheiro e de todo o programa que lhe está associado, foi concebida uma Exposição Itinerante com o objectivo, não só, de tornar acessível a todos os públicos a obra de Bordalo, como de divulgar, simultaneamente, a notável colecção reunida neste Museu, de novo disponibilizado ao público.

Este modelo de exposição adapta-se facilmente a átrios e locais de passagem em espaço públicos em Escolas, Universidades, Museus, Bibliotecas, Centros Culturais, Centros Comerciais.

A estrutura da exposição privilegiou a imagem, a que é dado um maior peso, acompanhada de textos de leitura rápida e acessível com títulos apelativos que contextualizam a obra de Bordalo nos seus diferentes aspectos.

"O JOGO DA POLÍTICA MODERNA!"

Desenho Humorístico e Caricatura na 1ª República

Esta Exposição Itinerante constitui uma excelente oportunidade para, a partir do desenho humorístico e da caricatura política e social publicada na imprensa pelos "humoristas" portugueses da época, mergulhar n' "O Jogo da Política Moderna!" da I República Portuguesa, e, com isso, nas virtudes e nos defeitos do novo regime.

A exposição foi elaborada pelo Grupo de Trabalho das Comemorações Municipais do Centenário da República e esteve inicialmente exposta na Galeria de Exposições dos Paços do Concelho de Lisboa, em Maio de 2010.

MUSEU MUNICIPAL DE ESPINHO
Rua 41 | Av. João de Deus
4500 Espinho

T 227 326 258 | 227 327 072
museumunicipalespinho@hotmail.com
museumunicipaldeespinho.blogspot.com
facebook.com/museumunicipalespinho



Segunda a Sábado
10h00 - 17h00
Sábados
10h00 13h30 -14h30 18h00
Encerra aos Domingos e Feriados

Serviço educativo e visitas
guiadas por marcação



museubordalopinheiro



VIDA E OBRA DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO

"O JOGO DA POLÍTICA MODERNA!" Desenho Humorístico e Caricatura na 1ª República

MUSEU MUNICIPAL DE ESPINHO

12 de maio a 23 de junho de 2018

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Rafael Augusto Bordalo Prostes Pinheiro nasceu a 21 de Março de 1846, na Rua da Fé, em Lisboa. Artista versátil com uma vasta e variada obra, que se estendeu por universos como os do desenho, da aguarela, da ilustração, da decoração, do jornalismo, da cerâmica e da caricatura, Bordalo Pinheiro foi um espírito rebelde e pouco disciplinado. Esteve sucessivamente matriculado em diversos cursos na Academia de Belas-Artes: desenho de arquitectura civil, desenho histórico, desenho antigo e desenho de modelo vivo. Esteve, igualmente, matriculado no Curso Superior de Letras e na Escola de Arte Dramática, no Conservatório. O teatro foi, aliás, uma das suas paixões. As primeiras experiências como actor amador no Teatro Garrett e Teatro Thalia remontam ao ano de 1860.

Em 1863 inicia a sua actividade profissional como amanuense de secretaria na Câmara dos Pares. No entanto, a sua vocação estava indubitavelmente ligada às artes e, paralelamente à sua actividade profissional na Câmara dos pares, produz no campo artístico. Em 1866 apresentou os primeiros trabalhos de desenho a carvão e aguarela sobre costumes populares e cenas campestres. Em 1869 desenhou o cabeçalho para O Japonês e a capa para Crónica dos Theatros. Em 1870 estreou-se como caricaturista com O Dente da Baronesa, ainda nesse ano publicou o álbum de caricaturas O Calcanhar de Achilles, lançou as primeiras três folhas de A Berlinda e publicou o primeiro número do semanário O Binóculo.

A partir da década de 70 do séc. XIX, a produção de Rafael Bordalo Pinheiro intensifica-se de sobremaneira. Participa enquanto ilustrador em diversas publicações, entre elas o Almanach de Caricaturas e as obras O Demónio de Ouro, de Camilo Castelo Branco, A Mulher Adultera e As obras da Misericórdia, de Henrique Perez Escrich. Entre 1873 e 1875, ocupa, em Espanha, o lugar de correspondente ilustrador do periódico inglês The Illustrated London News; colabora com o El Mundo Cómico e Ilustración Espanhola Y Americana. Em 1875 inicia a publicação A Lanterna Mágica onde aparece representada pela primeira vez a figura do Zé Povinho. Nesse mesmo ano inicia-se na Maçonaria na loja Restauração de Portugal, com o cognome de Goya, abandona o lugar na Câmara dos Pares e em Agosto parte para o Brasil para dirigir o jornal brasileiro O Mosquito. Em 1879, de regresso a Portugal lança o jornal semanário O António Maria, um ano mais tarde integra o Grupo do Leão e em 1881 colabora nos três números de O Voto Livre, de Magalhães Lima e Manuel de Arriaga.

Em 1884, Rafael Bordalo Pinheiro inicia a sua actividade de ceramista, com a constituição da Sociedade Anónima da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, com o seu irmão Feliciano, assumindo a direcção artística da fábrica dando, então, início a uma produção cerâmica sobejamente conhecida, cujos exemplos disso são a louça utilitária naturalista ou a figura do Zé Povinho.

Em 1900 dá início à publicação de A Paródia onde viria a dar asas à sua veia de caricaturista, satirizando de forma mordaz o estado político e social dos últimos anos do regime monárquico.

A 23 de Janeiro de 1905, Rafael Bordalo Pinheiro, com 58 anos de idade, morre na casa do Largo da Abegoaria, actual Largo Rafael Bordalo Pinheiro, em Lisboa.



«Desencantado com a indiferença e o conformismo mesquinho do público, Rafael lança a 1ª série (155 números) do que viria a ser o seu último jornal, cujo primeiro número é datado de 17 de Janeiro de 1900. Tal como acontecera com O António Maria, esta publicação surgida na fase final da Monarquia, dedica particular atenção à vida política e ao quotidiano lisboeta, pondo “a caricatura ao serviço da trizteza pública” numa “dança da Bica no cemitério dos Prazeres” (extracto da apresentação). Tratava-se dum jornal semanal com a participação artística de Rafael e Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro e com a colaboração literária de João Chagas.

O desprezo que começa a sentir pelos jogos políticos e oportunismo extensivo a todos os partidos e instituições nacionais, transparece logo na capa do 1º número onde apresenta a política nacional como “A grande porca” e nos números seguintes prossegue com “O grande cão” (finanças), “A galinha choca” (economia), “O grande papagaio” (retórica parlamentar) e “A grande toupeira”, representativa da reacção. A colaboração do filho, Manuel Gustavo, viria a aumentar a lista de símbolos políticos com “O progresso nacional: O grande caranguejo”, “A burocracia: A grande rata”, “A beneficiência: O grande cágado” e “A instrução pública: A grande burra.”»

A Paródia. Centro de Investigação para Tecnologias Interactivas (CITI). <http://www.citi.pt>